

1. hodina – 26. září

- **Semântica** – parte da lingüística que se ocupa da significação das palavras, dos segmentos da frase ou das frases inteiras (eventualmente também da evolução do seu sentido);

Doas aproximações fundamentais:

- 1) explica aspectos da interpretação que só dependem do sistema linguístico --
- estritamente ligada a outras disciplinas linguísticas – o significado é um valor fundamental também para a fonética/fonologia, morfologia, léxicologia, sintaxe
- 2) não só interpreta as expressões linguísticas; tem um coponente que se encontra fora da linguística: determinações básicas de comunicação – nós vamos preferir a segunda
muitos traços de sentido não se manifestam formalmente (X sintaxe)

Dr. Erhart diz: Významovým plánem jazyka se zabývá několik vzájemně se prolínajících disciplín. Centrální disciplínou je tu sémantika, jež zkoumá izolované designáty (obsahy) jazykových znaků bez ohledu na označující (formu) x Lexikologie přihlíží i k jejich formě.

A maneira de pensar é inseparável da língua: pela língua comunicam-se, transmitem-se as informações acerca dos aspectos do mundo que nos rodeia, acerca de nós próprios.

Não se trata duma mera transmissão, recepção e registo.

Os elos entre a língua e o mundo não são determinados directamente pela estrutura física do mundo que nos rodeia.

František Čermák diz: Realita a její jazykový odraz v lidském vědomí nejsou přímo spojeny: obraz objektivní reality prochází při jazykovém ztvárnění sítím tzv. **sémantický podsystém daného jazyka**.

Semantické pole (campo semântico) je v různých jazycích různě segmentováno – kvůli různým společenským a přírodním podmínkami a to pouze tam, kde povaha objektivní reality různou interpretaci připouští (např. barvy, sníh u eskymáků, v Brazílii různé druhy banánů)

- A natureza da língua: sistema de signos linguísticos (lingüística é uma parte de semiótica – uma disciplina sobre signos)

Signos – os elementos que contêm informação na comunicação.

Semiótica – Disciplina que se ocupa do estudo dos signos

Semiose – processo semiótico, uso do signo dentro dum contexto

Disciplinas semióticas: Sintaxe: relações entre os signos

Semântica: relações dos signos com os objectos

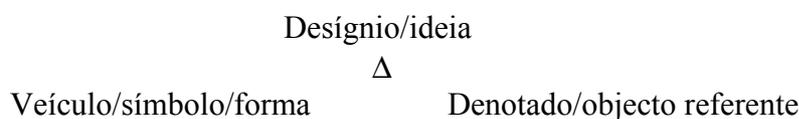
Pragmatica: relações dos signos com os intérpretes (função de signos/língua na interacção social)

- Características do signo linguístico:

- 1) Arbitrariedade
- 2) Linearidade
- 3) Dualidade: signos, figuras fonológicas que formam o signo pela composição
- 4) Semanticalidade
- 5) Transitoriedade no tempo e no espaço
- 6) Transitoriedade cultural
- 7) Constância, estabilidade

- 8) Negatividade e diferenciação
- 9) Prevaricação – capacidade de tornar-se ambíguo; é o que distingue o signo linguístico por exemplo dum signo matemático

Estructura semiótica de Ogden-Richards: mostra a estrutura dum signo



Interpretação: a relação forma-desígnio: forma é o símbolo do desígnio
 a relação forma-objecto referente: a forma é a representação do objecto
 a relação desígnio-objecto: o desígnio quer dizer o objecto (é a ideia sobre o objecto)

2 aproximações: 1) o signo é bilateral

Saussure: Signo como unidade linguística dupla, produzida pela junção de dois termos – significante e significado, cujo laço que os une tem a característica de ser arbitrário.

2) o signo é unilateral (só o significante).

outros aspectos importantes de signos linguísticos: objecto de referência, intérprete que faz uso do signo, a sua reacção perante o signo e contextos em que os signos figuram é importante

Relações que o signo pode ter:

- denotação: com um grupo de objectos (character. de dicionários) - bilateral
- referência: com um objecto individual ou grupo de o.i. – é determinado; determinante (artigo, pronome demonstrativo) - bilateral
- tipos do objecto:** 1) denotado – classe de objecto, em geral; 2) referente – individual, específico;
- outro critério: 1) objecto concreto 2) objecto abstracto
- representação: relação forma/signo-objecto
- designação (símbolo) - relação forma/signo-desígnio
- significação/relação »quer dizer« - relação forma/signo-desígnio, em geral, lexicalmente, sem o aspecto de uma identificação individual, sem se enfileirar (přřadit)
- ter em mente (intencionar): uma relação do falante com a ideia/desígnio através o objecto

Os tipos de signo da perspectiva signo-referente/denotado – **segundo Pierce e Bühler**

- 1) o ícone: signo que mantém com o seu referente uma relação natural de similitude onomatopeia (a pronúncia imita o som próprio da coisa significadora) , metáfora
- 2) o índice: signo que se encontra em relação de contiguidade temporal ou espacial com o objecto que denota: a anáfora (repetir a mesma palavra no início de várias frases), implicação, existe uma ligação estreita entre a forma ou seu emprego e o conteúdo do signo
- 3) o símbolo – é convencional ou arbitrário, não existe nenhuma relação directa entre a forma ou seu emprego e o conteúdo do signo

2. hodina – 3. října

➤ Zpět k textu, jehož četba byla za domácí úkol:

Como podia explicar o conceito de signo linguístico de Saussure?

O signo linguístico não reúne o objecto e o nome mas o conceito (Saussure emprega o termo significado) e a forma acústica (English: sound-image) correspondente (Saussure emprega o termo significante).

→ O modelo de Ogden-Richards e aquele de Saussure é diferente: o significado nem corresponde com o termo da ideia (význam) nem com o objecto referente.

O que é que Saussure quer dizer com a forma acústica? Como podia explicá-la?

A forma acústica tem o carácter mais material do que o conceito – não se trata de fonemas mas do carácter psicológico da forma acústica (é possível recorrerem-nos a essas formas só no pensamento sem empregarmos os lábios ou a língua)

A forma acústica representa para Saussure uma potencialidade de língua, não se trata propriamente dito de uso acústico. O emprego de músculos faciais é implícito (implica-se aí), não constitui uma problemática crucial para a concepção da forma acústica.

Quais são as três qualidades mais significativas de signo linguístico segundo Saussure?

Portanto o signo tem o carácter

- 1) **arbitrário – o princípio 1 de Saussure** O laço que une o significado com o significante tem a característica de ser arbitrário, não existe aí nenhuma relação natural (cada língua tem a sua própria maneira de exprimir certa realidade – os significantes são diferentes de língua para língua, portanto também os significados o podem ser)
- 2) **convencional** – Cada expressão basea-se no princípio de comportamento colectivo – na convenção (nenhum indivíduo é capaz de alterar o signo à sua vontade, cada um tem que respeitar os signos da sua comunidade linguística/de uma outra comunidade linguística)
- 3) **linear – o princípio 2 de Saussure**
quer dizer que os signos são organizados linearmente, um segue ao outro.
Saussure diz que este princípio tem consequências incalculáveis.

Quanto às onomatopeias e as interjeições – constituem estes, segundo Saussure, uma excepção à regra de arbitrariedade e convencionalidade?

Saussure mostra no texto que as onomatopeias e as interjeições (os ícones segundo Pierce e Bühler, os símbolos segundo Saussure) não provam o contrário.

As onomatopeias têm também o carácter até certo ponto arbitrário e representam imitações mais ou menos convencionais de sons que alteram de língua para língua e são sujeitos à evolução fonética assim como outras palavras.

Ainda por cima certas expressões que julgamos hoje onomatopeias evoluíram de palavras que originalmente não tinham nada a ver com imitações de sons.

As interjeições também não têm nenhum laço fixo entre o significado e o significante (diferem de língua para língua).

Em breve: As onomatopeias e as interjeições não parecem ser de grande importância e a origem simbólica deles é contestável.

Outros conceitos de Saussure:

1. Língua vista como uma ligação das ideias coordenadas com o som

O pensamento sem as expressões numa língua parece ser uma massa sem forma e organização. A substância fónica também o é. A língua é tão importante porque serve de laço entre as duas massas informes: entre o pensamento e o som indefinidos e dá-lhes a forma. As unidades linguísticas encontram-se reciprocamente delimitadas pela decomposição de «ideia-som». Não se trata de ideias materializadas nem de sons transformados em entidades mentais.

Saussure apresenta dois paralelos:

- 1) A superfície do mar: a água e o ar constituem uma série de divisões: as vagas (o ar e a água ganham assim a forma concreta)
- 2) A folha de papel: não se pode cortar o verso sem cortar o reverso no mesmo tempo; a divisão da parte psicológica (o pensamento) e da parte fonológica é possível só na teoria, essa divisão seria um puro abstracto.

Há duas observações importantes:

- a combinação do pensamento com o som produz apenas uma forma, nunca uma substância
- os elementos da língua não aparecem isolados mas interagem com os outros elementos dentro do sistema (não se trata portanto duma mera união de certo som com certo conceito)
Tal elemento é a palavra uma vez que a palavra é concreta (mesmo se não é uma unidade ideal).

2. O valor linguístico

A língua é um sistema constituído por termos interdependentes cujo valor resulta da presença simultânea de outros termos.

Por outras palavras:

- o valor conceptual só se forma a partir das suas relações com outros valores semelhantes – sem esses valores a significação não podia existir

Do ponto de vista dos estruturalistas, o valor linguístico é composto por:

- 1) um constituinte dessemelhante (uma palavra x uma ideia) que pode ser trocado por um outro constituinte cujo valor tem que ser determinado; o conceito diferente
- 2) um constituinte semelhante (algo de igual matéria) que pode ser comparado com outros constituintes cujo valor tem que ser determinado: uma palavra pode ser comparada com outras palavras

Saussure apresenta um paralelo:

O valor de palavra é como o valor de uma moeda: uma moeda podia ser trocada por algo de matéria diferente (o pão) mas também podia ser comparado com o valor de outras moedas do mesmo sistema monetário

Exemplos: a palavra Mouton – em francês quer dizer ovelha e carneiro (skopové), em inglês (mutton) só carneiro, enquanto os ingleses empregam a palavra sheep para designar ovelha. Segundo Saussure as palavras sheep e mouton têm a mesma significação enquanto o valor deles é diferente.

Dentro duma língua limitam-se as palavras reciprocamente. Como as palavras não se baseiam num conceito preexistente, os valores de equivalentes entre duas línguas não correspondem automaticamente. Isto é válido não só no caso de lexemas mas também noutros aspectos da língua:

- o tempo e aspecto gramatical (a língua proto-germânica não conhecia a forma para exprimir o futuro, as línguas eslavicas têm duas formas para exprimir o aspecto de verbos enquanto outras línguas indoeuropeias não as têm)

3. O aspecto material do valor linguístico

Para o aspecto material do valor linguístico valem as mesmas regras como para o aspecto conceptual: só se forma a partir das relações e diferenças entre elementos diferentes.

Como sabemos os fonemas só se caracterizam a partir dos traços distintivos (negativamente), assim como o valor de letras escritas (não é importante como uma letra é escrita: se à mão ou por máquina, se com caneta ou com lápis, até não é importante se a forma da letra escrita por mim for completamente diferente daquela de vocês: o único que é importante é que a letra não se pode confundir com outras letras: o *t* com ou *d* ou *l*). É só aquilo que é relevante para a significação.

Os limites dum fonema ou dum grafema, ainda uma vez, são constituídos por limites doutros fonemas ou grafemas (um traço distintivo – uma relação negativa com outros componentes do mesmo sistema).

Arbitrariedade é uma característica fundamental.

4. A totalidade do signo linguístico

A língua é constituída apenas por termos (relações) negativos: há só diferenças sem aspectos positivos.

– essa afirmação não é válida num caso: quando abordamos o significado e o significante separadamente – quando consideramos o signo linguístico na sua totalidade obtemos algo que se pode definir duma maneira positiva dentro da sua classe

- portanto o significado e o significante (enquanto considerados separadamente) têm o carácter puramente negativo, o conjunto deles é um facto positivo.

Quando comparamos os signos em total não falamos de diferenciação de signos mas de distinção (aqui existe só a relação de oposição)

➤ nechám v knihovně další článek: Actualidade em Saussure

3. hodina – 17. října

Část 1. Actualidade em Saussure

No texto fala-se de leituras tradicionais do Cours de Linguistics Générale de Saussure. Como é que essas leituras vêem os princípios do Cours?

- uma visão da língua como um sistema autónomo, estático, fechado e formal onde o indivíduo e sociedade (que é anónima) encontram-se separados.

- um divórcio entre sistema linguístico e práticas de fala individuais (mas também hoje sistema e usos continuam a ser objectos de investigação isolados.

(Thibault rejeita essas leituras completamente)

E a autora? Qual é a sua atitude?

A autora nem nega nem aceita essas leituras tradicionais.

Ela reconhece a importância crucial de Saussure por vários motivos:

- por sua procura do carácter científico do estudo da linguagem. Ela percebe os princípios de Saussure *no contexto da sua época* (no início do século passado).

- porque a sua obra contém todas as potencialidades teóricas desenvolvidas por diferentes correntes linguísticas.

- porque ele problematiza as questões que estão na ordem do dia do questionamento actual sobre a linguagem.

O que é que ela vê como problemático nas propostas de Saussure?

Entre outros:

- A autora salienta que a linguagem não é um objecto que possa ser estudado com a precisão de *lei de uma ciência* (Para garantir ao estudo da linguagem um estatuto científico Saussure precisa de definir sistematicamente um objecto à langue e um método: construir leis gerais e identificar regularidades.)

- *a separação rígida entre langue e parole*. Como a langue é um produto social de utentes individuais, não pode existir independente da parole. E o problema é que para Saussure a parole nem sequer pode ser entendida como objecto linguístico legítimo. A parole é explicável por referência à langue mas ele não a integra na teoria da linguística (como faz por exemplo a gramática sistémico-funcional desenvolvida por M.A.K. Halliday – nesta gramática sistema e uso são ambos objectos legítimos).

- só importa o sistema nunca o sujeito indivíduo que o usa. As acções dos indivíduos definem-se pelas relações e práticas da língua, não por actos individuais ou colectivos da vontade. É por isso que a realização individual é mais do que integrada no contexto sociocultural: é limitada por ela.

Quais eram as influências que se inscreveram nas propostas teóricas de Saussure?

- 1) psicologia mentalista: na definição da langue como «produto social depositado no cérebro de cada indivíduo» e como «soma de imagens armazenadas nas mentes de todos os indivíduos onde as formas são associadas através dos seus significados»
- 2) conceptualização da sociedade de Durkheim: «a sociedade é um sistema supra-individual que se exprime através dos indivíduos», o sujeito individual é visto apenas como uma derivação da sociedade.

Também a língua será vista como um sistema supra-individual expresso através do conjunto dos indivíduos mas não nos indivíduos concretos. Isto é também uma leitura tradicional com a qual a autora concorda (em relação ao **conceito de langue**).

Como é que Thibault desenvolve a noção de langue de Saussure?

Ele encontra na langue a formulação de 3 noções distintas:

- 1) langue 1: não focaliza os signos mas sim os termos (por exemplo singular e plural), sistema abstracto de valores puros
- 2) langue 2: centra-se na produção de formas típicas léxico-gramaticais
- 3) langue 3: diz respeito aos hábitos colectivos de uma comunidade falante; é formada por subsistemas internos como dialectos, subdialectos etc.

Para Saussure os valores funcionais estão associadas às formas léxico-gramaticais (forma é inseparável da função). Para Thibault os valores funcionais motivam em Saussure as formas léxico-gramaticais.

Qual é a atitude da autora perante essas ideias de Thibault?

Ele atende exclusivamente aos aspectos sociais contidos na noção de língua e tem escassa atenção aos aspectos mentais que a noção, segundo a autora, igualmente comporta. A noção de comunidade linguística é segundo a autora demasiadamente vasta e abstracta facto que podia causar problemas.

Como é que Hall inclui as propostas de Saussure sobre o significado?

Na sua abordagem constructivista reconhece o carácter social da linguagem. Nem as coisas no mundo de que se fala nem os falantes individuais podem fixar o significado na linguagem.

O mundo material não transmite significados. Isto é feito pela linguagem como sistema representacional. São os falantes, enquanto actores sociais, que usam os sistemas conceptuais da sua cultura segundo as regras e convenções linguísticas, para construir o significado.

O problema reside, segundo a autora, na contextualidade de significados privados na interacção com interlocutores concretos em tempo e espaço concreto não sendo sempre os significados padronizáveis (o que explica a criatividade linguística humana). A indispensável contextualização da produção significativa dos indivíduos em Saussure é abstracta demais,

segundo a autora, e a produção de significado e a possibilidade de mudança linguística é conceptualmente afastada.

Část 2. Prática: onomatopeias

Část 3. Estrutura semântica do léxico

- aspectos que são do domínio da semântica lexical
- primeiro vamos introduzir a oposição sentido-referente, básica no estudo da significação
Sentido e referente
- através de uma expressão (agora vamos falar nomeadamente de expressões nominais ou pronominais) refere-se a um objecto concreto, real ou imaginário, que é exterior à própria língua. Que faz a parte da minha experiência. Esse objecto é **o referente** da expressão usada para referir (ou desígnio). O referente podia ser considerado como exterior ao sistema linguístico.

ex: estes apontamentos, esta mesa, aquela cadeira

- a cada expressão associa-se igualmente **um sentido ou significado** que corresponde à definição de dicionário ou a uma composição de definições no caso das expressões compostas
ex: esta mesa – o seu sentido é o objecto que se encontra na vizinhança imediata do locutor e que pode ser definido como «móvel cuja parte essencial é uma prancha horizontal sobre a qual se servem as refeições, se escreve, se joga etc. »

o sentido é interno a língua (neste aspecto reside a diferença sentido-referente)

Morais Barbosa distingue o significado do sentido

- segundo ele a cada unidade lexical corresponde 1 significado (é um valor linguístico)
- **o significado** realiza-se em discurso através de sentidos
- **o sentido** = actualização do significado em determinados contextos, criam-se a partir de significado, a partir do valor linguístico
- NÃO se pode dizer: o significado é um conjunto de sentidos porque neste caso o significado seria fechado – mas ele continua aberto – há uma potencialidade de novos sentidos; significado = valor que se identifica por oposição a outras unidades que ocorrem
- o sentido = o valor linguístico + situação + contexto
- a comunicação pressupõe 2 sujeitos: um com papel activo, outro com passivo num determinado instante: - aquele que ouve faz força para reconhecer os sentidos semânticos que quer comunicar o sujeito activo. O sentido é sempre feito por quem fala e por quem ouve.
- para entender o sentido é preciso reconhecer o que o locutor quis dizer
- Às vezes não há nada que me ajudaria encontrar formalmente o sentido/entendimento correcto, também depende de outros tipos de comunicação: sorrisos... , às vezes é preciso fazer esforço/cooperar com o falante para reconhecer o que este pretendia (neste caso já não é um problema linguístico mas comportamental) → porque a comunicação não é só linguística, abrange ainda fenómenos extralinguísticos como gestos...

O sentido de cada expressão = lugar que essa expressão ocupa num sistema de relações semânticas → o significado de cada expressão é delimitado pelo significado das outras expressões da mesma língua, os significados podem organizar-se em vários subsistemas nos quais são delimitados (por exemplo o sentido de *livro* pelo sentido de *folheto*, *brochura*, *album*, *caderno*, *enciclopédia* etc.)

Não é fácil nem sequer possível encontrar uma estruturação semântica que envolva a globalidade do léxico. Não é óbvia a relação entre por exemplo: *planeta*, *comprar*,

passar no exame, agudo. Algumas relações podem definir-se entre planeta/estrela, comprar/vender, passar no exame/reprovar no exame, agudo/desafiado; agudo/grave...
 Quanto às unidades gramaticais: também neste caso os sentidos/significados podem delimitar-se mutuamente (com a diferença que as unidades gramaticais não constituem uma lista aberta como as unidades lexicais mas sim uma lista fechada).

Ex: o conectivo de coordenação «e»

A Ana é simpática e o Pedro é inteligente. – valor copulativo, inversão de termos coordenados é possível

Ele entrou e foi-se pôr à janela. – valor copulativo, inversão de constituintes altera o sentido

Deitei-me e não pude adormecer. – valor adversativo (mas)

Segue o meu conselho e não te arrependers – valor consecutivo (que)

Esse valor podia alterar de língua para língua (por exemplo em japonês empregar-se-iam duas conjunções diferentes nas duas primeiras frases)

As línguas naturais evoluem – há expressões que nascem, outras que se modificam (foneticamente, mas também semanticamente) e a organização das expressões se refaz e delimita de novo outras unidades lexicais.

Ex: o substantivo latino homo (ser humano) ganha em português sob a forma de homem também o sentido de vir (ser humano do sexo masculino) que tinha desaparecido do latino vulgar antes de poder aparecer em português.

A palavra homem acumula dois sentidos distintos no sistema do léxico português:

Em Portugal, só os homens têm de fazer serviço militar.

Todo o homem é mortal

Outro exemplo pode demonstrar a evolução semântica de palavras que outrora (no séc. XVI) eram sinónimos: *lavar e trabalhar*:

O verbo lavar passou a significar especificamente trabalhar o campo (integrou o objecto directo); o verbo trabalhar veio ocupar o seu lugar.

Outro exemplo: uma palavra que se tornou polissémica: *novela*

Há cinquenta anos tinha um sentido único: composição literária do género do romance mas mais curta que este e mais desenvolvida que o conto (portanto o sentido delimita-se pela presença de romance ou conto).

O primeiro sentido não deixou de existir

No século 20 ganhou o sentido de série de episódios dramáticos transmitidos periodicamente pela rádio ou pela televisão (o sentido delimita-se então no campo de filme, série...).

4. hodina – 24. října

ÚLOHA 1: hlasy zvířátek

Pomůcka:

Cão - ladra, gane, rosna, uiva;	Gafanhoto - chichia, zizia;
Gato - mia, ronrona;	Grilo - crila, trila;
Rato - chia, guincha;	Sapo - coacha, malha;
Coelho - chia, guincha;	Lagarto - gecca;
Pássaro (em geral) - pia, pipila, chilreia;	Carneiro ou Cabra - bale, berra;
Galinha - cacareja, carcarca;	Burro - zurra;
Galo - canta, clarina;	Porco ou Javali - grunhe, rosna, arrua;
Gaivota - grasna;	Boi e Touro - berra, muge, urra, bufá;
Ganso - grasna, grita;	Vaca - muge ou berra;
Pato e Pelicano - grasna, grassita;	Búfalo - brama, berra, muge;
Cisne - arensa;	Lobo - ladra e uiva;
Papagaio - grasna, grita ou palra;	Raposa - ronca, uiva, regouga;
Pombo - arrulha;	Hiena - gargalha;
Coruja - coruja, pia, ri;	Camelo - blatera;

Cucu - cucula, cua; Pica-Pau - estridula; Beija-Flor - trissa; Cotovia - canta, gorjeia; Corvo - crocita, corveja; Peru - glugineia, grulha; Pavão - pupila; Cegonha - gloteia; Morcego - farfalha, trissa; Mosquitos - zune, zumbé, zoa; Cigarra - canta, chia, zune;	Cobra - assobia, sibila; Urso - brama, ruge; Elefante - bare, brame; Macaco - assobia, guincha; Leão - urra, ruge, brama; Hipopótamo ou Rinoceronte - grunhe; Crocodilo - brame, ruge; Cavalo - relincha, nitrida;
---	---

TEORIE

Relações semânticas no léxico (português)

Vamos analisar alguns tipos deles – é preciso salientar que alguns casos de antonímia que analisámos durante as aulas podem constituir casos menos evidentes e que sempre não cabem nas categorias que vamos propôr:

1) **Antonímia complementar**

a) **Antonímia binária complementar (ABC)**

Entre duas unidades lexicais P e Q (no uso predicativo) há uma relação de ABC se:

A asserção (tvrzení) positiva de P implica a asserção negativa de Q

A asserção negativa de P implica a asserção positiva de Q

→ só um dos dois valores é possível (duas alternativas)

Ex: *Ele sabe quem é X. Ele mentiu. Ele está morto. Ele é inocente.*

Ele ignora quem é X. Ele disse a verdade. Ele está vivo. Ele é culpado.

Matemática: *Este número é par.*

Este número é ímpar.

Às vezes não há necessariamente complementaridade binária entre anónimos como:

Vida e morte (vivo e morto) – a ciência define também situações intermédias...

(estar vivo para efeitos legais mas clinicamente morto) embora

logicamente não há relação binária, linguisticamente se consideram

tradicionalmente como ABC: contradição vê-se nas expressões como

Ele está vivo e morto ao mesmo tempo.

b) **Antonímia não-binária complementar (ANB)**

Os pares que estão em relação de ANB pertencem a subsistemas lexicais constituídos por mais de dois elementos.

A asserção negativa de uma das unidades não implica a asserção positiva de outra

Ex: *Ele ama. Ele está à direita de X.*

Ele odeia. Ele está à esquerda de X.

Os subsistemas podem corresponder a:

a) classes fechadas cujos elementos são: os nomes de dias de semana, das estações do ano ou dos naipes das cartas...

b) classes abertas cujos elementos são: os nomes das cores, das plantas...

Ex: *A camisola é preta.*

A camisola é verde.

Trata-se de antonímia de sentido muito figurado, não é antonímia propriamente dita.

É válido também para relações entre constituintes numa determinada enunciação como: *Quem não é por mim é contra mim.* (alguém também pode encontrar-se na posição neutra)

ABC ou ANB? Depende das propriedades dos objectos sobre os quais se fez a predicção.

Ex.: *Ele é um bom filho* → *Ele não é um mau filho*
Ele não é um bom filho → *Ele é um mau filho* ABC
 Ex.: *Ele é bom aluno* → *Ele não é mau aluno* ANB
Ele não é bom filho NÃO → *Ele é mau aluno (pode ser médio)*

2) Antonímia graduável (AG)

Os constituintes podemos associar aos extremos (dois polos) entre os quais existe uma escala contínua entre os dois polos (a combinação deles)

Ex: *Quente/frio: morno, fresco...*

Estas unidades podem combinar-se com quantificadores pouco, um pouco, muito, bastante, ligeiramente, mais, menos, muitíssimo etc.

Ex: *Quente/frio; grande/pequeno; rico/pobre; bom/mau; perto/longe*

Em maioria de casos é possível exprimir/introduzir ainda o grau mais elevado (positivamente ou negativamente): *quente/frio: a ferver/gelado* ou com uma expressão figurada: *Está um forno./Está um gelo.*

Existe aqui um espaço para subjectividade de locutor:

a) comparação explícita: *O rato Mickey é mais bonito que o pato Donald.*

b) comparação implícita: *O Mickey é um rato grande.*

(quer dizer: é grande para rato, é grande enquanto rato)

Carácter relativo das unidades lexicais expressas:

Ex. . *O Mickey é um rato. IMPLICA O Mickey é um animal.*

O Mickey é um rato azul IMPLICA O Mickey é um animal azul.

O Mickey é um rato grande NÃO IMPLICA O Mickey é um animal grande

Porque rato é hipónimo de animal.

Interessante: na frase interrogativa (em contraste com a frase assertiva onde há um polo do valor negativo e um polo do valor positivo) a oposição podia neutralizar se com o emprego dum dos polos do valor neutralizado:

Ingl: *How far is that?* Neutralização da oposição *far/near*

Checo.: *Jak často to děláš?* Neutralização da oposição *často/zřídka*

Do určité míry: Port.: *Que altura tem?* Neutralização da oposição *alto/baixo*
 (i když se ptám přímo na konkrétní výšku)

3) Antonímia conversa (AC)

Ocorre com unidades lexicais usadas como predicados de dois lugares

Estão em relação de antonímia conversa:

1) duas expressões predicativas: *O Gil é pai da Ana*

A Ana é filha do Gil

...2 frases semanticamente equivalentes

2) formas de comparativo de antónimos graduáveis

ex: *mais alto/baixo que a Ana é mais alta que o Gil*

o Gil é mais baixo que a Ana

3) forma activa e passiva correspondente – de verbos transitivos

a Ana comeu o bolo

o bolo foi comido pela Ana

4) verbos como vender/comprar

o Gil comprou um livro à Ana

a Ana vendeu um livro ao Gil

5) locuções prepositivas temporais e espaciais: antes/depois de, à direita/esquerda

o jantar é antes do teatro o Gil está à direita da Ana

o teatro é depois do jantar a Ana está à esquerda do Gil

Predicado é simétrico – é possível inverter a ordem dos argumentos:

O Gil casou com a Ana O Gil é tão alto como a Ana O Gil está ao lado Ana
A Ana casou com o Gil A Ana é tão alta como o Gil A Ana está ao lado do Gil
 NÃO Em Checo: *Mařenka se provdala za Jenička.*
Jeniček se oženil s Mařenkou.

ÚLOHA 2: z kopií rozpoznat tu pravou antonimii

5. hodina – 31. října

Revisão - Hiponímia:

-é uma relação assimétrica – ao contrário das relações de antonímia (se P era antónimo de Q, então Q era antónimo de P)

- temos um termo mais geral (Q) que se pode definir pela propriedade «a»
- temos um termo mais específico (P) que se pode definir pelas propriedades «a» e «b»

P é **hipónimo** de Q – todas as unidades que têm a propriedade «a» são **co-hipónimas** de Q
 Q é **hiperónimo de/termo superordenado** em relação a P

Ex: flor é termo superordenado de co-hipónimos rosa, cravo, tulipa etc.

Cor é hiperónimo de azul, encarnado, amarelo

Pode-se dizer que P é uma espécie/um tipo de Q ou mais simplesmente que P é um Q: *a rosa é uma espécie de flor, a rosa é uma flor*

O sentido de cada hipónimo **implica traços significativos** do hiperónimo:

Exemplo 1: flor tem pétalas, tem a sua cor própria diferente daquela de caule ou de folhas

Exemplo 2: dizer – hipónimos murmurar, exclamar, balbuciar, replicar, observar, comentar,

Traço significativo de dizer: exprimir por palavras

3 observações:

1. entre um hipónimo P e um hiperónimo Q existem as relações de implicação que já vimos:

comprei uma rosa → comprei uma flor

mas comprei uma flor → NÃO → comprei uma rosa

2. Os subsistemas lexicais definem-se por relações semânticas de hiponímia e entre eles existem **relações paradigmáticas**

Comprei um ramo de flores (rosas/cravos/tulipas...)

Fala-se de **relações quase-paradigmáticas** quando o termo superordenado pertence a uma categoria lexical diferente da dos seus hipónimos: *sabor (ácido, amargo, doce)*

Então a ocorrência do hiperónimo nos contextos em que ocorrem os hipónimos ou não é possível ou é só possível mediante alterações sintáticas

Ex: Este líquido é doce/amargo/ácido. X Este líquido tem um sabor.

3. A Semântica cognitiva introduz o termo **sentido prototípico** que podia ser traduzido como o melhor exemplo: é o 1. sentido (um hipónimo) que ocorre no pensamento quando se imagina um exemplo concreto do termo superordenado
 - isto tem a ver com muitos factores sobretudo com factores extralinguísticos: a noção dum hipónimo mais comum/espalhado no ambiente em que vive, a própria experiência, conhecimentos ou estado de espírito do locutor – é portanto um assunto próprio a psicologia e psicolinguística
 - ex: quando se diz uma ave: no campo algures na Bohémia talvez seja pomba ou pardal, na cidade talvez frango, nos Açores talvez a garça (não é volavka – lá constitui um sinónimo de gaivota)

Assim como os sentidos prototípicos também as formas ideomáticas representam experiências exprimidas

Formas ideomáticas - São expressões de uso comum cuja interpretação é captada globalmente sem necessidade de compreensão de cada uma das suas partes e sem entendimento do sentido literal.

– Locuções privativas de determinada língua e que não se podem traduzir literalmente noutras
→ os conceitos são diferentes de língua para língua portanto as expressões feitas não se podem traduzir palavra a palavra

Como se trata de experiências exprimidas, é só possível reconstituir essa experiência para outra língua (mesmo que seja de outra maneira linguística).

– Correspondem, algumas vezes, a locuções estereotipadas que constituem vestígios de realidades que já só existem no plano da língua, mas cujo sentido original se perdeu.

ÚLOHA 2: cvičení na ideomatismos – stránka 117-121

6. hodina – 14. listopadu

Tropos

A metáfora, juntamente com a metonímia, a alegoria, a ironia, o oxímoro e alguns trocadilhos formam um grupo de recursos de Retórica semânticos chamados de tropos. Os tropos caracterizam-se por parecerem impertinências numa análise superficial, ora impertinências lógicas, ora contextuais.

Metáfora

<http://www.radames.manosso.nom.br/retorica/metafora.htm>

A intuição de que estamos diante de uma metáfora começa quando, ao fazermos uma leitura imediata, nos deparamos com uma impertinência.

- 1) Ou se atribui a um referente algo que não lhe diz respeito
- 2) ou se classifica o referente numa classe a que não pertence.

Constatada a impertinência, o receptor da mensagem vai aplicar à situação um algoritmo metafórico.

Se a aplicação for plausível teremos a metáfora

Caso contrário, um lapso, uma impropriedade ou outro fenômeno. —

O algoritmo da metáfora comporta até quatro elementos:

- comparado.
- comparante.
- atributo explícito.
- atributo implícito.

O atributo explícito só aparece em metáforas de segundo tipo deve ser pertinente ao comparante

O atributo implícito deve ser pertinente ao comparante e ao comparado

Determinar o atributo implícito é decifrar a metáfora, mas não o atributo na sua essência e sim todas as modificações e acréscimos que decorrem de sua ligação com o comparante. Para tanto, temos que nos basear no contexto selecionando entre os atributos possíveis aquele ou aqueles mais plausíveis. A decifração fica mais direcionada se o comparante tiver atributos marcados.

Atributo marcado

É aquele que tem com seu sujeito uma relação simbólica, ou seja, a cultura convencionada que o atributo marcado é um símbolo de seu sujeito ou vice-versa.

*Assim, 'altura' é um atributo marcado de 'girafa',
'peso' é um atributo marcado de 'elefante'.*

Assim como na comparação, o objetivo da metáfora é dar expressividade a uma atribuição.

A metáfora é uma comparação elíptica em que sempre está ausente o atributo comum.

Em muitos casos também faltam as balizas de comparação: 'como', 'tal qual', etc. Quando não há baliza de comparação, a estrutura sintática da metáfora de tipo I fica igual à usada para estabelecer identidades. Daí a metáfora ser vista como uma impertinência na leitura imediata.

Sejam as frases:

1. *Quintiliano é o autor de Instituições Oratórias.*
2. *Aristóteles é genial.*
3. *Maria é uma flor.*

Ad 1) A primeira frase serve para o estabelecimento de uma relação de equivalência. O significado de *Quintiliano* é considerado equivalente ao de *autor de Instituições Oratórias*. Equivalência redutível a uma relação tautológica do tipo A é A.

Ad 2) Na segunda frase, o que se estabelece é uma relação determinado determinante. O termo *genial* é determinante de *Aristóteles*, trata-se de uma atribuição.

Ad 3) Na terceira frase, temos uma metáfora.

A forma sintática das três frases é a mesma. Em função disso a metáfora numa leitura imediata aparece como impertinência. Esta semelhança entre as formas sintáticas não é ocasional. Sendo a metáfora uma comparação elíptica, ela nos é apresentada pela mesma forma que se usa para estabelecer identidades. É provável que alguma operação mental menos rigorosa que as operações lógicas estabeleça que o semelhante pode ser tratado como idêntico.

Metáforas tipo I

São as que explicitam comparado e comparante.

Observe os enunciados que mostram a mesma metáfora:

Maria é uma flor.
Maria é como uma flor.
Maria: uma flor.
Maria flor.

Imaginemos as frases acima proferidas num contexto em que 'Maria' é uma mulher. Pela leitura imediata concluímos que estamos diante de uma impertinência, pois, 'mulher' e 'flor' são classes disjuntas.

O algoritmo da metáfora consiste em determinar:

O comparado: *Maria*.

O comparante: *flor*.

O atributo implícito: provavelmente *bela, delicada, perfumosa, suave*, etc.

A determinação do atributo implícito nem sempre é simples. A pertinência ao contexto é fundamental. A metáfora é um recurso de semântica aberta e em certos casos as incertezas quanto ao atributo implícito são grandes.

Metáforas tipo II

São aquelas que explicitam comparado e atributo explícito.

1. Exemplo: *cor quente*.

Comparado: *cor*.

Comparante: *temperatura*

Atributo explícito: *quente*

Atributo implícito: capacidade de gerar impressões fortes e enérgicas.

2. Exemplo: amargo regresso

Comparado: *regresso*

Comparante: *sabor*

Atributo explícito: *amargo*

Atributo implícito: *ruim, desagradável, etc.*

Metáforas tipo III

Nesse tipo de metáfora, o comparante substitui o comparado.

Exemplo: a chave do problema.

Comparado: *solução*

Comparante: *chave*

Atributo implícito: capacidade de abrir portas, caminhos, etc.

Um caso particular é aquele em que ao comparante se atribui características do comparado. Exemplos:

O homem é um caniço pensante.

Comparado: *homem (pensante)*

Comparante: *caniço pensante*

Atributo implícito: o homem é um amontoado de misérias e de grandezas. Um caniço, mas um caniço pensante. O homem é um complexo de bem e de mal, digno ao mesmo tempo de respeito e de desprezo. O ponto de partida da apologética de Pascal: o dualismo de grandeza e miséria.

O basset é um salsichão de patas.

Comparado: *o basset (tem patas)*

Comparante: *salsichão de patas*

atributo implícito: O basset é um animal de pouca beleza e dignidade – mas é sempre um cão... o melhor amigo do homem

Pela metáfora não se compara apenas objetos, mas também fenômenos. Assim, são metáforas:

Correr como raio.

Comparado: *correr, corrida*

Comparante: *(velocidade de) raio*

atributo implícito: *muito rápido*

Ficar gelado de medo.

Comparado: *estar com medo*

Comparante: *gelado, gelo*

atributo implícito: *com muito medo - paralizado*

Chorar lágrimas de sangue.

Comparado: *chorar*

Comparante: *deitar sangue, sangrar*

atributo implícito: *estar magoado muito*

Metáfora original e metáfora lexicalizada

A metaforização é um processo de vasto uso na criação de léxico. Uma metáfora pode se vulgarizar a ponto de se converter em léxico. Em muitos casos, a percepção da origem metafórica chega a se dissipar. A metáfora lexicalizada, a rigor, deixa de existir como metáfora.

Quando dizemos 'Maria é uma flor' estamos sugerindo que o enunciado seja decodificado por um algoritmo metafórico, no qual Maria continua a denominar uma mulher e flor continua a designar um vegetal, ou seja, na metáfora original nem comparado, nem comparante sofrem mutação ou transferência de sentido. Maria continua a designar a Maria e flor continua a designar a flor. Se a comunidade começar a chamar a Maria sempre por flor teremos uma lexicalização. O termo flor passará a ser signo para a Maria. Neste caso estamos diante de uma lexicalização que teve origem numa metáfora. Será justo dizer que flor passou por uma transferência de sentido? Na metáfora original não há nenhuma alteração de sentido dos signos nela envolvidos.

Hipérbole

A hipérbole é um caso especial de metáfora, usada para passar uma impressão de grau extremo em que o comparante caracteriza-se por ser um extremo em relação ao comparado.

Exemplo: demorou um século

Comparado: *tempo da demora.*

Comparante: *um século.*

Atributo implícito: *demora.*

O comparante é um extremo na classe dos eventos demorados da qual faz parte o comparado.

Um caso notável de hipérbole é aquele que se origina de arredondamentos. O comparante é um arredondamento extremado que se relaciona com o comparado.

Um exemplo: 'Moro onde não mora ninguém'. Numa leitura imediata, temos uma contradição. O comparado cabível seria *onde quase ninguém mora.*

Geralmente a hipérbole apela para o maravilhoso. Alguns exemplos:

Cuspir fogo pela boca.

Comer o pão que o diabo amassou.

Chorar lágrimas de sangue.

Agregado de significação da metáfora

Na frase 'Maria é uma flor' consideremos que a intenção seja dizer que Maria é bela. Mas por que então usar a metáfora e não o termo próprio? Com a metáfora não se diz apenas que Maria é bela mas também como é essa beleza, que tipo, que grau. A metáfora agrega significação ao discurso relativamente ao enunciado próprio que vem da sua decifração. Esse agregado de significação é que torna a metáfora um recurso espetacular de expressão, insubstituível, em muitos casos, por outros recursos.

Excelência da metáfora

Será tanto melhor quando:

- os atributos implícitos inferidos forem muitos.
- os atributos implícitos forem pertinentes ao comparado.
- os atributos implícitos forem muito característicos do comparante.
- pela metáfora se obtiver palpabilidade.
- a metáfora intensificar ou atenuar.

Funções da metáfora

A metáfora é usada quando:

- não há termo próprio para a situação.
- o termo próprio não tem a conotação desejada.
- se quer evitar a repetição do termo próprio.
- se quer fazer comparações palpáveis.
- se quer direcionar a atenção para o significante.
- se busca novidade.

7. hodina – 21. listopadu

Metonímia

Metonymie spočívá v přenosu označení na jiný objekt na základě souvislosti, nikoliv však podobnosti označovaných objektů (denotátů). Přenesení na základě vnitřní nebo vnější

podobnosti se nazývá metafora. Přenos významu z části na celek nebo z celku na část téhož objektu se nazývá synekdocha, metonymií se typově podobá.

<http://www.radames.manosso.nom.br/retorica/metonomia.htm>

Como acontece com a metáfora, a leitura imediata de uma metonímia nos revela uma impertinência. O leitor tentará resolvê-la usando um algoritmo próprio para metonímias. Os elementos desse algoritmo são:

- substituto
- substituído
- relação de contigüidade
- decifração

Decifrar a metonímia consiste em chegar ao termo substituído, ou seja, ao referente que atende à dupla condição de ocupar a posição do substituto e manter com este uma relação de contigüidade.

A decifração **depende do contexto** e deve ser pertinente a ele.

Um exemplo: *Leu Drummond*.

Substituto: *Drummond*

Relação de contigüidade: Drummond é autor das poesias.

Substituído: poesias de Drummond.

Decifração: *Leu poesias de Drummond*.

Tipos de metonímia

As metonímias normalmente são classificadas pelo tipo de relação que vincula o substituído ao substituto. Alguns casos notáveis:

- A parte pelo todo. Ex.: *Ficou sem teto*. Substituído: *casa*.
- A espécie pelo indivíduo. Ex.: *O homem foi à Lua*. Substituído: *alguns astronautas*.
- O efeito pela causa. Ex.: *Respeite-lhe os cabelos brancos*. Substituído: *velhice*.
- A coisa por seu símbolo. Ex.: *A suástica paira sobre a Europa*. Substituído: *nazismo*.
- A coisa por um seu atributo. É a perífrase. Neste tipo de metonímia é comum o enunciado metonímico tornar-se **símbolo** do seu substituto. Ex.: *Poeta dos escravos, Cidade Luz*. Substituídos: *Castro Alves* e *Paris*.
- O continente pelo conteúdo. Ex.: *Um litro de leite*.
- O autor pela obra. Ex.: *Leiloaram um Portinari*. Substituído: *um quadro pintado por Portinari*.
- O local pela coisa. Ex.: *O Palácio do Planalto divulgou nota*. Substituído: *o porta-voz da Presidência*.
- O singular pelo plural. Ex.: *O imigrante povoou o Norte*. Substituído: *os imigrantes*.
- A matéria pela coisa. Ex.: *Trajava um pano de primeira*. Substituído: *roupa*.

Delimitação da metonímia

É simples reconhecer intuitivamente uma metonímia, mas é muito difícil dar a ela uma definição compreensiva. Essa dificuldade decorre de questões como:

Dizer que uma metonímia se forma **permutando a parte pelo todo** é uma informação relevante mas não suficiente para gerar metonímias adequadas pois **nem toda parte que substitui o todo produz o efeito desejado**.

Exemplo 1 – parte/todo: *Após o incêndio ficou sem casa*. Este enunciado pode ser substituído por uma metonímia: *Ficou sem teto*.

Se a escolha da parte fosse arbitrária, poderíamos obter boas metonímias dizendo: *Ficou sem janela* ou *Ficou sem parede*. Mas não é o que acontece.

Exemplo 2 – obra/autor: É comum ouvirmos: *Leu Aristóteles, Hoje, concerto.No programa: Stravinski.* Mas já não se ouve *Queimou uma Edison* no lugar de *Queimou uma lâmpada* embora *lâmpada/Edison* gozem da mesma relação obra/autor que existe nas metonímias válidas. Para a metonímia ser bem-sucedida algumas condições a mais precisam ser observadas.

Cada tipo apresenta peculiaridades e é razoavelmente **distinto** dos demais, o que dificulta a generalização. Na metonímia *triste madrugada* há uma tradução bem diversa da metonímia *Um litro de leite*. Na primeira temos uma personificação, e na segunda, uma equivalência de quantidades.

Efeito modificador da metonímia

Em princípio, no enunciado metonímico o substituto equivale em significação ao substituído. Só em princípio, pois, boa parte das metonímias não se sobrepõe perfeitamente em significado às suas decifrações.

Analisemos o seguinte **exemplo:**

Completo quinze anos.

Completo quinze primaveras.

Completo quinze invernos.

O primeiro enunciado é a decifração das duas metonímias que lhe seguem. São metonímias do tipo parte pelo todo. A metonímia que usa 'primaveras' é bem comum. A metonímia que usa *invernos* não é adequada para substituir a que usa *primaveras*. Quando usamos a metonímia das *primaveras*, o discurso ganha um acréscimo de significação que não teria se fosse usado o enunciado não metonímico. Com a metonímia das *primaveras* a mensagem além de afirmar um fato dá um juízo de valor sobre o fato. A metonímia tem este **potencial modificador da mensagem** relativamente ao enunciado próprio.

A metonímia *O Brasil todo está clamando* não é equivalente por completo ao significado de *Os brasileiros todos estão clamando*. Nessa metonímia, o clamor se estende para além do seu sítio natural. Poderíamos dizer tratar-se de uma metonímia hiperbólica. Alguns tipos de modificação notáveis que a metonímia pode operar:

Funções da metonímia

- **Economia:** uma metonímia em que o substituto é menos extenso que o substituído se presta à economia. Também temos economia quando o enunciado metonímico tem significação mais extensa que a do enunciado próprio.
- **Variar para não repetir.**
- **Atenuação ou agravamento.** Muitos eufemismos e disfemismos são metonímias.
- **Ênfase.**
- **Modificação, redução, ampliação do espectro de significação do enunciado próprio.**

Redução: na metonímia *Ficou sem teto*, a dimensão do fato que envolve a perda de uma casa fica reduzida ao seu aspecto mais dramático. Dizer *Ficou sem teto* está mais próximo de *Ficou desamparado* do que de *Ficou sem casa*.

Ampliação: na metonímia *O Brasil está clamando* procura-se amplificar a dimensão do fato.

Exercício:

A pessoa empurrou o carrinho do bebe → *A mão empurrou o carrinho do bebe* **Parte pelo todo**
O rebanho tinha mil ovelhas → *O rebanho tinha mil cabeças.* **A sinédoque** – a palavra que indica o todo de um ser por outra que indica apenas uma parte dele.

Todos seres humanos são mortais. → O homem é mortal

És a minha segurança → És a minha âncora,

O meu irmãozinho gosta de iogurte → O meu irmãozinho adora danone

Não fume dentro de casa: sou alérgica a fumo → Não fume dentro de casa: sou alérgica a cigarro

Jurou lealdade a seu país → jurou lealdade a sua bandeira,

Águias e Leões dividem pontos ← O Benfica empata com o Sporting

Há quem tem fome – há quem carece de pão

Sinédoque

Símbolo por coisa simbolizada

Marca pelo produto

Causa pelo efeito

Símbolo por coisa simbolizada

Símbolo por coisa

simbolizada1: Causa pelo efeito

Causa por efeito

8. hodina – 28. listopadu

1) As novas regras da língua portuguesa – příspěvek, diskuse

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u321373.shtml>

As novas regras da língua portuguesa devem começar a ser implementadas em 2008. Mudanças incluem fim do trema e devem mudar entre 0,5% e 2% do vocabulário brasileiro. Veja abaixo quais são as mudanças.

HÍFEN

Não se usará mais:

1. quando o segundo elemento começa com s ou r, devendo estas consoantes ser duplicadas, como em "antirreligioso", "antissemita", "contrarregra", "infrassom". Exceção: será mantido o hífen quando os prefixos terminam com r -ou seja, "hiper-", "inter-" e "super-" - como em "hiper-requintado", "inter-resistente" e "super-revista"

2. quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa com uma vogal diferente. Exemplos: "extraescolar", "aeroespacial", "autoestrada"

TREMA

Deixará de existir, a não ser em nomes próprios e seus derivados

ACENTO DIFERENCIAL

Não se usará mais para diferenciar:

1. "pára" (flexão do verbo parar) de "para" (preposição)
2. "pêla" (flexão do verbo pelar) de "pela" (combinação da preposição com o artigo)
3. "pólo" (substantivo) de "polo" (combinação antiga e popular de "por" e "lo")
4. "pélo" (flexão do verbo pelar), "pêlo" (substantivo) e "pelo" (combinação da preposição com o artigo)
5. "pêra" (substantivo - fruta), "péra" (substantivo arcaico - pedra) e "pera" (preposição arcaica)

ALFABETO

Passará a ter 26 letras, ao incorporar as letras "k", "w" e "y"

ACENTO CIRCUNFLEXO

Não se usará mais:

1. nas terceiras pessoas do plural do presente do indicativo ou do subjuntivo dos verbos "creer", "dar", "ler", "ver" e seus derivados. A grafia correta será "creem", "deem", "leem" e "veem"
2. em palavras terminados em hiato "oo", como "enjôo" ou "vôo" -que se tornam "enjoo" e "voo"

ACENTO AGUDO

Não se usará mais:

1. nos ditongos abertos "ei" e "oi" de palavras paroxítonas, como "assembléia", "idéia", "heróica" e "jibóia"
2. nas palavras paroxítonas, com "i" e "u" tônicos, quando precedidos de ditongo. Exemplos: "feiúra" e "baiúca" passam a ser grafadas "feiura" e "baiuca"
3. nas formas verbais que têm o acento tônico na raiz, com "u" tônico precedido de "g" ou "q" e seguido de "e" ou "i". Com isso, algumas poucas formas de verbos, como averigúe (averiguar), apazigúe (apaziguar) e argúem (arg(ü/u)ir), passam a ser grafadas averigüe, apazigüe, arguem

GRAFIA

No português lusitano:

1. desaparecerão o "c" e o "p" de palavras em que essas letras não são pronunciadas, como "acção", "acto",

"adopção", "ótimo" -que se tornam "ação", "ato", "adoção" e "ótimo"

2. será eliminado o "h" de palavras como "herva" e "húmido", que serão grafadas como no Brasil -"erva" e "úmido"

Comparações idiomáticas

– comparação em que sempre está expresso o atributo comum (contrariamente à metáfora onde está ausente) do comparado e comparante.

O algoritmo da comparação idiomática comporta três elementos:

- Comparado (uma pessoa, uma realidade)
- Atributo marcado do comparante.
- Comparante (animal, objecto, matéria, personagem conhecida etc.) – podem-se usar mais do que um comparante para certo atributo

A qualidade, o atributo sobre a/o qual se fala é um atributo marcado do comparante

Atributo marcado:

Como já foi dito é aquele que tem com seu sujeito uma relação simbólica, ou seja, a cultura convencionada que o atributo marcado seja um símbolo de seu sujeito ou vice-versa.

*Assim, 'altura' é um atributo marcado de 'girafa',
'peso' é um atributo marcado de 'elefante'.*

Pode ser diferente de cultura para cultura, de língua para língua, portanto falamos de idiomatismos.

O conhecimento de atributos marcados é importante para decifração mais direcionada de algumas metáforas (se o comparante tiver atributos marcados.)

Assim como na metáfora, o objetivo da comparação é dar expressividade a uma atribuição.

Como a relação atributo-comparante costuma ser extrema – as comparações são próximos à hipérbole.

ÚLOHA 1: Comparações – ekvivalent v češtině

http://www.agal-gz.org/planeta/front/?step=5&quiz=quiz&univers=14&quiz_id=37

DŮ: pares idiomáticos + text ke zkoušce

9. hodina – 12. prosince

pares idiomáticos